

Um grande brasileiro

A morte de um educador, num país cuja grande carência é educação, é sempre motivo de pesar. Quando, porém, o educador tem a dimensão de um Paulo Freire — o criador de um método eficaz e veloz de alfabetização, mundialmente reconhecido —, esse pesar adquire contornos mais abrangentes e transforma-se em algo bem mais doloroso.

O Brasil durante muito tempo não soube desfrutar do privilégio de possuir um profissional com as qualificações de Paulo Freire. Desperdiçou-o por décadas, hostilizando-o e obrigando-o a viver exilado. Apenas nos anos finais de sua vida, prestou-lhe as devidas vênias, quando, porém, suas condições de vitalidade já não lhe permitiam ação tão efetiva quanto nos tempos em que foi impedido de aqui trabalhar.

Em 1961, o pernambucano Paulo Reglus Neves Freire, então diretor do Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife, aplicou, na cidade de Angicos, Rio Grande do Norte, um plano-piloto de educação popular, que alfabetizou 300 trabalhadores rurais em 45 dias.

A proeza chamou a atenção do meio acadêmico. A partir daí, as portas da vida pública pareciam se abrir ao grande educador. O governador Miguel Arraes então o destaca para que realize trabalho semelhante junto às favelas do Recife, dentro do Movimento de Cultura Popular. A época era de grande radicalização ideológica, reflexo da conjuntura internacional da Guer-

ra Fria, o que indispôs as classes conservadoras contra o trabalho de Freire.

O método que concebera baseava-se numa filosofia da educação inspirada no existencialismo cristão. A eficácia de seu trabalho se confirma também em Pernambuco, o que faz com que Freire seja convocado pelo presidente da República para coordenar o Plano Nacional de Alfabetização, em janeiro de 1964. Em fins de março, o movimento militar derruba o governo Goulart e extingue aquela iniciativa. Freire deixa de ser reverenciado e passa a ser hostilizado. Deixa o país em seguida e passa a ser cortejado por educadores em todo o mundo.

País com índice de analfabetismo considerável junto a suas populações adultas, o Brasil viveu, durante anos, o paradoxo de possuir um dos maiores especialistas mundiais na matéria, requisitado e reverenciado em todo o mundo, mas proibido de aqui exercer o seu ofício. Essa circunstância, subproduto da radicalização política e da miopia ideológica, deve servir de lição aos radicais de todos os naipes.

O exemplo de Paulo Freire, de dedicação monástica e obstinada a uma causa — a educação — e de devotado amor ao país, expressos na sua alentada obra livresca e pedagógica, há de permanecer como legado precioso às futuras gerações. O presidente Fernando Henrique resumiu numa única frase a grandeza do grande educador, ontem falecido: "Foi um grande brasileiro". Com toda a certeza, um dos maiores.